



EXPERIÊNCIAS DE LABORATÓRIO DE ENSINO: O LEHIS DA UFG EM FOCO

Sônia Maria de Magalhães*

O Laboratório de Ensino de História (LEHIS) abrolhou no dia 22 de março de 2009, quando o projeto de sua criação foi aprovado em reunião do Conselho Diretor da Faculdade de História da Universidade Federal de Goiás. É oriundo da Coordenação de Estágios, por isso, tem como prioridade a formação dos licenciandos do curso de História.

O desafio inicial para a sua implantação consistiu na ausência de um espaço físico que se exige para atividades dessa natureza – local provido de instalações, tecnologia e materiais adequados para produção de material de ensino de qualidade no contexto de pesquisas científicas. Na carência de um local estabelecido, passamos a divulgar a sua concepção, existência e objetivos por intermédio dos meios de comunicação disponíveis: boca a boca, cartazes, telefone, correspondência, *internet*, entre outros. Tal empreitada suplantou nossas expectativas, extrapolando a divisa do estado de Goiás, para além do rio Paranaíba, pois já na primeira oficina recebemos inscrições de dois alunos da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). A criação de um *link* na página da Faculdade de História incidiu numa outra conquista, pois na carência de um espaço físico, conseguimos um ambiente virtual. Assim sendo, quando os alunos nos interpelavam sobre o local de funcionamento do LEHIS e seus escopos, encaminhávamos para o referido *link*. Gradativamente, conseguimos adesão de diversos professores e alunos empenhados na sua consolidação

* Doutora em História pela Universidade Estadual Paulista (UNESP) e professora na Universidade Federal de Goiás (UFG).



LEHIS e seus objetivos

O LEHIS abrolhou tendo como objetivo primordial o de desenvolver pesquisas sobre Ensino de História em intenso diálogo com as transformações em curso na Educação Escolar e nos mais variados ambientes de formação histórica. Prioriza o diálogo entre profissionais, consolidando-se como Laboratório de História. Tem como propósito oferecer aporte teórico e metodológico para a efetivação das atividades de ensino, pesquisa e extensão dos docentes e discentes. Nesse sentido, seu espaço – equipado com tecnologia, profissionais, materiais etc. adequados à produção de material de ensino – propicia e estimula a integração das experiências e reflexões elaboradas nas práticas laboratoriais entre escola e universidade, bem como a produção de materiais que serão disponibilizados aos professores das escolas para uso em aulas. Os projetos desenvolvidos tanto nesse lugar peculiar quanto nas escolas propendem mostrar aos alunos investigadores a importância da formação docente, do aprender a lidar com as metodologias e a Didática da História. Com as tecnologias, os procedimentos de pesquisa adequados aos anos (séries) de escolaridade, a produção de material didático que sejam utilizados em aulas de História e auxiliem o trabalho do professor nas escolas.

Num plano mais abrangente, o Laboratório tem em vista:

- Integrar professores e alunos comprometidos com a realização de projetos de ensino focando o aperfeiçoamento profissional;
- Criar entre docentes e discentes condições para o exame de questões relacionadas ao manuseio das novas tecnologias, reflexões, a partir da utilização crítica e criativa, dos conteúdos específicos da área de História.
- Montar uma estrutura capaz de proporcionar educação continuada aos professores que atuam na disciplina de História na Educação Básica – ensino Fundamental e Médio – e, assim, propiciar a atualização historiográfica, bem como orientá-los na elaboração de recursos didáticos e pedagógicos.
- Tornar o ambiente um espaço de referência para os profissionais da área, local propício para debates e profícuos intercâmbios de experiências.



- Estabelecer uma conexão entre os professores dos três níveis de ensino (fundamental, médio e superior), que permita repensar o ensino de História na educação básica e na universidade.
- Produzir atividades que integrem a graduação e a pós-graduação, propondo a criação de duas linhas de pesquisa: 1) *Cultura, práticas escolares*; 2) *Educação histórica*.
- Promover eventos para difundir e refletir o resultado das pesquisas.
- Publicar coletâneas a partir dos materiais didáticos produzidos nas disciplinas de estágio.

As oficinas – concebidas peculiarmente como momento de experimentação, análise e criação – ensejam a vivência e a aprendizagem teórica, ocasião em que se processa a construção do conhecimento histórico compartilhado entre professores e alunos. Conjetura também a qualificação contínua do educador escolar entendida por Silva e Fonseca “não como ‘correção de deficiências’ e, sim como participação desse profissional no processo de expansão de sua área de saber” (2007, p. 87). Aspira à constituição fecunda e coletiva do conhecimento por alunos e professores que trabalham peculiarmente na escola pública. Essa metodologia contempla a capacitação desses profissionais de ensino, a partir de um modelo epistemológico que implica o conhecimento como um processo criativo de apropriação e transformação da realidade.

Articuladas às demandas do Estágio Curricular Supervisionado, as oficinas constituem-se num momento profícuo de aprendizagem. Pensadas e organizadas de forma interativa entre professores e alunos, compõem um ambiente diferenciado do cotidiano maçante da sala de aula. Trata-se, efetivamente, da primeira oportunidade no curso de mediar as teorias da história, as discussões sobre educação, sobre as linguagens culturais e sua utilização didática e a efetiva apreensão pelo público atendido na ocasião de seu emprego na prática educativa. As intervenções elaboradas estabelecem uma relação coerente com as propostas discutidas na disciplina para promoção da interatividade, do diálogo, da inquirição e do desafio.



Nos últimos anos tem-se observado intenso empenho por parte dos docentes da disciplina de Estágio Curricular Supervisionado do curso de História no sentido de promover entre os alunos da licenciatura a confecção e desenvolvimento de projetos de pesquisas articulados com as demandas das escolas-campo de estágio. As temáticas trabalhadas ao longo dos quatro semestres da referida disciplina são acordadas a partir dos pleitos das escolas-campo de estágio, altercadas com o “professor-preceptor”, com a instituição acolhedora e com o professor supervisor da Faculdade de História da UFG.

As equipes de pesquisa constituídas, geralmente, por duplas de estagiários lidam com as fontes oriundas da escola e mais especificamente da sala de aula (projeto político-pedagógico, diários de classe, proposta de conteúdos curriculares, etc.), preparando-se para observação no ambiente escolar, almejando elencar os problemas, instituir hipóteses, elaborar instrumentos mais apurados de arrolamento de dados e realizar inquirições capazes de expandir o conhecimento e convir tanto à capacitação dos licenciandos quanto ao exame dos imbróglis educacionais gerais e peculiares ao ensino de História.

Ao enfrentar os dilemas da educação no mundo contemporâneo e os usos de diferentes materiais didáticos e linguagens no viés de uma abordagem histórica para a atividade educacional do professor de História, a oficina de ensino recoloca problemas teóricos e metodológicos e articula a qualificação do licenciando com as demais disciplinas: a questão do documento e sua crítica, o problema da verdade e da objetividade em História, entre outras questões pertinentes ao campo.

Agenda

O ano de 2009 foi para o LEHIS de intensa atividade. Em maio promovemos o primeiro evento, a Oficina do *Livro Didático de História*. Após esta, seguiram-se várias outras que contaram com intensa participação de alunos e professores. No mês de setembro, participamos do evento de Núcleos e Laboratórios de Ensino visando à seleção de projetos para criação ou expansão de núcleos ou laboratórios de ensino nos



cursos de licenciatura da UFG, com recursos do Programa de Consolidação das Licenciaturas (PRODOCÊNCIA), da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Concorremos a este edital e fomos contemplados com uma quantia razoável que possibilitou a aquisição de alguns equipamentos, material de consumo, bem como recursos para publicação.

Outra conquista importante foi o intercâmbio que estabelecemos com o Laboratório de Pesquisa e Educação Histórica (LAPEDUH), mediado pela professora doutora Maria Auxiliadora Schmdit, ocasião em que proferiu conferência no *IV Simpósio Internacional de História, Cultura e Identidades*, na UFG. Nesta oportunidade, ela conheceu o nosso Laboratório, vislumbramos perspectivas de reciprocidade entre o LEHIS e o LAPEDUH.

A viagem de missão de estudo para Universidade Federal do Paraná em dezembro desse mesmo ano, financiada pela Faculdade de História da Universidade Federal de Goiás, incidiu numa outra etapa dessa interação. Oportunidade propícia para apreciar os projetos relacionados à educação histórica desenvolvidos no Laboratório da UFPR coordenado pelas professoras Maria Auxiliadora Schmidt e Tânia Maria F. Garcia Braga. Percebemos que os estudos de Rüsen, Peter Lee, Peter Seixas, Isabel Barca, Rosalyn Ashby têm fomentado as pesquisas no LAPEDUH. Este contato possibilitou, sobretudo, o conhecimento de concepções de ensino e pesquisa inovadores, o repensar de questões e dilemas para a consolidação do nosso laboratório, a elaboração do novo Projeto Curricular Pedagógico do curso de História, a renovação das linhas de pesquisa da pós-graduação, bem como políticas orientadas para a pesquisa e extensão.

Percebe-se que o Laboratório de Pesquisa em Educação Histórica da UFPR adquire sentido no contexto das discussões sobre as necessidades de reformulações e inovações no ensino da História. A sociedade atual, com suas crises e rupturas de paradigmas, denota a emergência de se problematizar os fundamentos da relação entre sociedade, ciência e educação, constitutivos dos processos de conhecimento e investigação. Contexto que comprova a necessidade de desvelar conceitos epistemológicos que comprometem a teoria e a prática do ensino de História, tendo



como referência o saber histórico e educacional, bem como o estabelecimento de um intenso diálogo entre a investigação científica e a didática da História.

Intercâmbio LEHIS e LAPEDUH: possibilidades e perspectivas

As reuniões acertadas com as professoras do Paraná foram bastante promissoras no sentido de promover atividades por meio da interlocução dos laboratórios da UFG e da UFPR, considerando que ambos conjecturam objetivos comuns. O ponto de articulação entre ambos será possível, nomeadamente a partir de projetos que propendem à valorização da subjetividade do professor e do aluno, vislumbrando-os, respectivamente, como professor-investigador e aluno-investigador. A investigação, desta forma, constitui o eixo articulador de todos os projetos pronunciados ao ensino, pesquisa e extensão. Mesmo a educação continuada, tão vulgarizada atualmente por meio de cursos que contribuem muito pouco para qualificação dos professores, só tem propósito se for pensada como investigação histórica.

No contexto da sociedade atual, as aulas de História enfrentam reivindicações que decorrem da demanda de maneiras de aprendizagens mais complexas e abrangentes, que permitam aos estudantes conhecimentos específicos, porém, não restritos ao “saber histórico”, mas a compreensão e o entendimento do mundo que os rodeia, significativo para a sua vida cotidiana, política e social. Diante dessa realidade, nas escolas, os professores encaram novos desafios no seu ofício diário. Contudo, carecem de um tempo adequado para refletir sobre sua experiência docente. No restrito tempo que dispõem para este tipo de autoexame, preocupa-lhe as questões emergenciais das salas de aula. A Didática da História, neste sentido, prioriza a área da prática escolar, apreendendo a sala de aula como o palco onde se culmina o processo de seleção e conformação do conhecimento que se reserva aos educandos.

A urgência em discutir quais são os conhecimentos históricos cogentes e adequados para as gerações que atualmente frequentam as escolas tem orientado o desenvolvimento das pesquisas no LEHIS, mormente a partir de tópicos que averiguam



a analogia entre a formação da consciência histórica, a construção da capacidade narrativa em história e a aprendizagem histórica. De tal modo, um dos motes que pautam essa inquirição consiste em saber como se processa a composição da capacidade narrativa: “uma operação constitutiva da consciência histórica, isto é, da capacidade que o aluno tem de experimentar e interpretar o passado, para poder orientar-se em sua própria vida e que distingue o ensino e a aprendizagem histórica de outras formas de aprender, constituindo o caráter propriamente histórico da aprendizagem” (Schmidt e Garcia, s/d, p. 4).

As atividades desenvolvidas pelo LEHIS, com suas linhas de pesquisas definidas entre Educação Histórica e Práticas Culturais, implicarão na habilitação de profissionais (professores investigadores) preparados para lidar com os temas e as linguagens históricas. Também com o incremento e aplicação de metodologias e categorias da educação histórica em ambientes escolares e não escolares.

Para consolidar a interação com a Universidade Federal do Paraná, eu e a Prof^a Dr^a Maria da Conceição Silva, a convite da Prof^a Schmidt, integramos o grupo de pesquisa *Cultura, práticas escolares e educação histórica*, cadastrado no CNPQ, sob sua liderança e da Prof^a Tânia Braga Garcia. Da nossa parte, instituímos na UFG o Grupo *Educação Histórica e Práticas Culturais*, também cadastrado no CNPq, tendo como primeira pesquisadora registrada a Prof^a Schmidt. A partir de 2010, iniciamos o processo de reflexão sobre as noções norteadoras do LEHIS para os anos vindouros. Trata-se, portanto, de um importante momento de discussão e investigação epistemológica na linha da educação histórica que venha a contribuir com a renovação do ensino da História em todos os níveis.

Convém destacar que as ações habituais da nossa agenda, constituída sobretudo pelas oficinas, mesas redondas, seminários e colóquios, continuam a ser foco privilegiado, totalizando 104 horas de atividades no ano de 2010. Em 2010, o laboratório ofereceu dez eventos (entre oficinas e mesas redondas), totalizando 84 horas de atividades. Foram mobilizados 12 professores da UFG e de fora (UnB), sendo que seis desses docentes ofereceram mais de uma atividade no laboratório. O público alvo –



composto por estagiários, especialistas e pós-graduandos em História e áreas afins; professores da educação básica de Goiânia – tem participado ativamente. Cerca de 280 pessoas já freqüentaram os eventos promovidos pelo LEHIS com uma média de 24 participantes por evento.

Estamos organizando, também, o primeiro livro composto por 11 artigos de 14 autores, ainda sem título definitivo. Além de docentes da UFG, participam professores das Universidades Federais do Paraná e de Uberlândia (MG) e da Universidade de Brasília, que atuam ou atuaram no laboratório.

Considerações finais

O Laboratório de Ensino de História da Faculdade de História da UFG tem como missão desenvolver projetos em parceria com escolas da região Centro-Oeste e instituições de pesquisa e ensino de todo o Brasil e de outros países. No andamento das atividades realizadas a partir de 2009, ocasião da implantação deste Laboratório, celebrou-se parcerias com a Universidade Federal do Paraná e com outras instituições entre escolas de Goiânia e Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás (IFG, antigo CEFET), e continua firmando convênios com instituições para os próximos anos. O escopo das parcerias consiste em realizar pesquisas na área da educação histórica e de práticas culturais que contribuam com a inovação do ensino da História. Para tanto, temos investido em pesquisas sobre o ensino de História, as temáticas ensinadas em sala de aula, as metodologias e a constituição da disciplina História no Brasil e em outros países. Isto significa apreender categorias e conceitos relacionados à teoria e à prática do ensino de História na educação básica, bem como na educação superior. Diante disso, é importante considerar a correlação entre a Didática da História e o Ensino de História, a pesquisa histórica realizada na linha da Educação Histórica como fio condutor das atividades que vêm sendo realizadas por professores e estagiários do curso de História da Universidade Federal de Goiás em escolas de Goiânia.



Gradativamente, conceitos ausentes do vocabulário dos nossos alunos da licenciatura, tais como consciência histórica, educação histórica, literacia, cognição histórica, cognição histórica situada, professor-investigador, aluno-investigador estão sendo apresentados, abordados e discutidos em sala de aula, na disciplina de Estágio Curricular Supervisionado e nos eventos promovidos pelo LEHIS.

Os desígnios desta nova abordagem do ensino da História lidam com os fundamentos científicos, porque derivam de uma investigação empírica e sistemática, para uma abordagem crítica de capacidades analíticas e argumentativas, não negligenciando a importância da apreensão de fatos essenciais. Quanto ao objeto, Isabel Barca adverte que ele poderá ser designado como cognição histórica (mais precisamente por cognição histórica situada) e debruça-se sobre as opiniões que os jovens, inclusive os professores, desenvolvem em torno da História. Interessa ao campo averiguar que ideias têm; de onde provêm; e quais as fontes de conhecimento histórico que influenciam a percepção – sobretudo nas crianças, muito entusiasmadas pela televisão, pela família, pela comunicação social e por outras fontes de informação. Em síntese, o objetivo distinto deste campo são as origens do conhecimento histórico e a forma como ele se arqujeta.

O que os teóricos desse campo aspiram é que os alunos gostem mais de História. Neste sentido, é primordial que os professores, antes de iniciarem a matéria, despendam algum tempo com os alunos e procurem averiguar o que eles já sabem, ouvindo o que eles têm a dizer, fazendo com que os mesmos adquiram autoestima e percebam que seus conhecimentos são significativos para a compreensão da disciplina. A história assim ensinada pode contribuir para uma sociedade mais crítica, que não se limite às escolhas óbvias, suscitando o pensar e o argumentar. De acordo com Isabel Barca, esta é também uma forma de trabalhar para uma educação para a paz e para a tolerância.

Em suma, o LEHIS, no seu segundo ano de atividades, se consolida como ambiente de pesquisa, práticas, reflexões e intercâmbios sobre o ensino de História. Imprescindível para a capacitação de profissionais (professores-pesquisadores) aptos a lidar com novos temas, linguagens, habilitados a desenvolver e aplicar metodologias inovadoras ao ensino



de História e com a escola. Também é uma possibilidade concreta de interação entre universidade, escola e comunidade.

Referências

BARCA, Isabel. “Marcos de consciência histórica de jovens portugueses”. *Currículo sem Fronteiras*, v. 7, n° 1, p. 115-126, jan/jun. 2007, v. 3.

Faculdade de História da Universidade Federal de Goiás. <http://www.historia.ufg.br>

FONSECA, Selva Guimarães. *Ser professor no Brasil: história oral e de vida*. Campinas, SP: Papirus, 1997.

_____. “Laboratório pedagógico: relato de uma experiência”. In: *Didática e prática de ensino de História*. Campinas, SP: Papirus, 2003, p. 232-241.

Laboratório de Ensino de História da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Disponível em: <http://www2.uel.br/laboratorios/labhis/objetivos/objetivos.htm>. Acesso em: 23/05/2007.

Laboratório de Ensino e Multimeios para o Ensino de História (L.M.E.H.). Universidade Estadual de Maringá. Disponível em: <http://www.dhi.uem.br/laboratorio/labens.htm>. Acesso em: 4/07/2008.

Laboratório de Ensino de História da Universidade Federal Fluminense. Disponível em: <http://www.uff.br/facedu/programas/leh.htm>. Acesso em: 22/8/2007.

Laboratório de Estudos e Pesquisas em Ensino de História da UFMG (Labepeh). Disponível em: <http://www.fae.ufmg.br/labepeh/>. Acesso em: 29/8/2007.

Laboratório de Pesquisa em Educação Histórica. Disponível em: www.lapeduh.ufpr.br/perfis.php?perfil=lapeduh. Acesso em: 23/9/2007.

Manual de Estágio Curricular Supervisionado. Política de Estágio em História. UFG. Goiânia.

RÜSEN, Jörn. “Didática da História: passado, presente e perspectivas a partir do caso alemão”. In: *Práxis Educativa*. Ponta Grossa, PR; v. 1, n° 2, p. 07-16, jul/dez. 2006.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora Moreira dos Santos; GARCIA, Tânia Maria F. Braga. “Investigando para ensinar história: contribuições de uma pesquisa em colaboração”. Disponível em: www.anped.org.br/reunioes/27/gt04/t045.pdf.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. “Cognição histórica situada: Que aprendizagem histórica é está?” In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel. *Aprender história: perspectivas da educação histórica*. Ijuí, PR: Ed. Unijuí, 2009; v.3, p. 21-51.



Plurais

Virtual

Universidade Estadual de Goiás

Unidade Universitária de Ciências Sócio-Econômicas e Humanas de Anápolis

SILVA, Marcos; FONSECA, Selva. Guimarães. *Ensinar História no século XXI: em busca do tempo entendido*. Campinas, SP: Papyrus, 2007.